

## Da Revolução Cultural Chinesa à Revolução Sexual hoje

Raymundo de Lima\*

A revolução cultural promovida por Mao Tsé-tung também contribuiu para o fracasso da economia



libidinal do povo chinês. Noutros termos, ela reprimiu a psicosexualidade e aumentou a ignorância sexual da população.

Em nome da igualdade proletária, a Guarda Vermelha cortava os cabelos longos das mulheres e o uso obrigatório da túnica padrão e boné para homens e mulheres promovia a dessexualização de ambos no modo de vestir e de ser. As mulheres que ousavam promover algum embelezamento nos seus corpos (maquiagem, brincos, enfeites nos cabelos e cabelos fora do padrão masculino) poderiam ser denunciadas e espancadas em público; os xingamentos mais comuns eram de “burguesas”, “traidoras da causa proletária”, “contra o ideário comunista”, “inimigas do povo” etc. Um leve toque no estilo de usar a túnica padrão poderia levar a mulher chinesa a ser acusada de individualista ou burguesa.

Após a morte de Mao, em 1976, com a abertura da economia, também veio à produção de produtos tão comuns ao mundo capitalista “decadente” ou “burguês”. A partir dos anos 1980 aparecem os primeiros cosméticos para mulheres, que faziam fila e tumulto para comprar seu primeiro baton.

A doutrinação ideológica do socialismo maoísta desse período impedia o povo de usar as cores, inclusive o cultivo das rosas. Dar uma rosa de presente entre namorados poderia ser mal interpretado naquela época, mas hoje é um presente freqüente e muito desejado entre casais.

O Partido Comunista Chinês proibia sexo antes do casamento. Como a China não tinha serviço secreto (não tinha uma KGB soviética) o próprio povo se encarregava de delatar desde os pequenos desvios, como sexo antes do casamento. Um casal delatado por ter praticado sexo antes do casamento era motivo de humilhação em público.

*“O camarada Mao mandava bater no rosto, em público, em quem fizesse sexo antes do casamento. Sexo era tabu na China, tanto na vida cotidiana como nas representações de peças de teatro e filmes. Até mesmo os romances literários que relatavam histórias de amor e sexo eram proibidos”,* declara Zha Jianying, que orientou um documentário sobre a história sexual da China. Muitos desses livros foram queimados em praça pública, e seus leitores foram presos, humilhados em público e encaminhados para “reeducação cultural”, tal como acontece com personagens do filme “Balzac e a costureirinha chinesa” de Daí Sijie, lançado em 2005. Para o PC Chinês esses eram “antigos costumes feudais” ou “decadência burguesa”, portanto, impróprios para a construção do novo homem socialista.

Depois da “política do filho único”, muitos casais não praticavam relação sexual como voto de obediência ao PC.

*“Sempre digo que a Revolução Cultural é o pai da revolução sexual de hoje; e a lei do filho único é a mãe, porque ela liberou as mulheres da obrigação de gerar muitos filhos. Então, elas tinham o direito e a chance de estudar e procurar emprego. Acho que os inventores da lei do filho único pensavam no controle da população, mas terminaram contribuindo para a abertura da sexualidade do povo, que hoje consideramos uma revolução sexual”, diz Pan Sui-Ming, que hoje exerce a profissão de professor de sexualidade na China.*

Hoje as pesquisas realizadas no país revelam que a geração da revolução cultural era ignorante sobre o básico da sexualidade, observa o sexólogo chinês Ma Xiaonian. “Em 1991 atendemos vários pacientes impotentes. Perguntávamos quando isso aconteceu? Eles respondiam que começara no período da Revolução Cultural”. Esse homem impotente não se importava muito com sua condição, tanto porque era um problema meramente individual como porque sua atenção estava voltada para a causa coletiva da revolução proletária. Portanto, a impotência masculina e a frigidez feminina não eram considerados problemas médicos na época, até porque ninguém tinha coragem de falar sobre esse assunto.

Semelhante à repressão sexual no mundo cristão, também para o PC Chinês o sexo tinha que ser apenas para reprodução, jamais para o prazer. A palavra ‘diversão’ não existia na época, salvo para o “grande timoneiro”.

### **A vida sexual de Mao**

Para Zha Jianying “secretamente a vida sexual do presidente Mao era digna de um imperador”. Embora seja proibido hoje se falar da vida sexual do presidente Mao, livros ilegais satirizam

sua vida sexual. Jianying afirma que Mao tinha várias garotas, tal como viviam os senhores do regime feudal.

Seu médico entre 1954 e 1974, Li Zhisui, procura justificar a vida sexual de seu ilustre paciente: “Mao vinha de uma família de camponeses, cuja diversão preferida dos homens era dormir com mulheres. As mulheres eram como um brinquedo para ele. Ele gostava de jovens inexperientes, de pouco instrução. No seu trem oficial, ele tinha várias camareiras ou concubinas. Quando gostava de um legume, Mao comia até se fartar. Quando enjoava, trocava por outro. O mesmo se dava com relação as mulheres” (entrevista à BBC).

O grande timoneiro navegava numa boa vida sexual. Afinal, ele era adorado e cortejado pelas jovens revolucionárias. Se o capitalismo fabricava mitos ou ídolos na política, como John Kennedy, e na música como Elvis, Mick Jagger, os quatro Beatles, porque não concentrar a libido num grande homem revolucionário que energizava a China com grandes projetos e movimentos de massa para o bem comum? Uma moça do interior, inexperiente, mas bonita, sentia-se muito orgulho de servir ao grande líder, ainda que ele não goste de escovar os dentes, regulamentemente. “Um tigre não escova os dentes”, brincava Mao.

### **Sinais da revolução sexual hoje na China**

Hoje o programa de rádio “Sussurros”, que vai ao ar de madrugada, tem uma alta audiência. A apresentadora Wu Ruomei, uma senhora descasada, procura responder perguntas sobre sexo. O programa de Wu segue o estilo direto da enfermeira canadense Sue Johanson, que no auge dos 70 poucos anos comanda um programa na TV na

América do Norte, respondendo tudo sobre sexo (retransmitido no canal GNT, no Brasil). Embora exista nos Estados Unidos muita informação sobre sexo em revistas, filmes, DVDs, rádios, internet, muitas perguntas se parecem com as que são também dirigidas a Wu. Por exemplo: uma moça chinesa diz estar preocupada com a possibilidade de ter se engravidado simplesmente porque nadou com seu namorado. Um universitário lhe telefona com medo de ter-se contaminado com uma Doença Sexualmente Transmitida (DST), porque tivera um primeiro encontro com uma moça num parque público, onde se abraçaram e se beijaram. A resposta de Wu é direta e simples, visando tranquilizar o primeiro caso, porque eles poderiam até nadar sem roupa, mas sem coito jamais poderia engravidar; e, no segundo caso, não poderia estar grávida porque a moça estava usando roupas: “só com beijos e abraços não poderiam ter pegado uma doença sexualmente transmissível”.

Xu Tian-Ming, presidente da Associação Chinesa de Sexologia, observa que atualmente a China tem mais “ignorantes sexuais” (sic) do que pessoas analfabetas. Assim como no programa de rádio, ele também está acostumado de acolher dúvidas sobre sexo. As mais curiosas são aquelas da geração da Revolução Cultural. Xu revela o caso de dois pesquisadores universitários que se casaram com cerca de 40 anos. Um mês depois, eles perguntaram a Xu sobre como ter uma relação sexual. Em conversa reservada, Xu descobriu que a mulher ainda era virgem. Porque eles achavam que roçar as pernas um no outro era o mesmo que fazer sexo.

Comparando a repressão sexual do ocidente cristão e a repressão sexual da China comunista, parece que a

população chinesa sofreu mais danos tantos psicológicos como sociais ou demográficos. Enquanto que o ocidente produziu no século 20, pesquisadores que elegeram a sexualidade humana como objeto de suas pesquisas – Freud, Reich, Kinsey, Masters-Johnson, Hite, etc. – somente a partir dos anos 1990 é que a China autoriza as primeiras pesquisas sobre a sexualidade da população. Sigmund Freud e mais enfaticamente Wilhelm Reich associaram a repressão sexual ao surgimento das neuroses e outras disfunções sexuais. Pesquisas revelam que 50% das mulheres chinesas nunca tiveram um orgasmo, e apenas 20% não sabem encontrar o seu clitóris. Todavia, essa dificuldade também é um fato nas mulheres ocidentais. Basta ver a peça de teatro ou o DVD “Monólogos da vagina”.

#### **Vai aí uma revolução com ou sem sexo?**

Além dos programas de esclarecimentos sobre sexo em rádios, TVs, colunas de jornais, internet, o chinês hoje pode ter acesso também aos produtos dos *sex shops* e feiras sexuais. Esses espaços vão além do comércio, porque oferecem aulas e folhetos com o propósito de educação sexual da população. Em 1990 foi inaugurado o primeiro *sex shop* na China. Embora o PC Chinês no início reagisse contra a comercialização desses produtos, viu uma oportunidade de usar esses espaços para prevenção das DST, principalmente a AIDs. Obviamente outro interesse do governo chinês estava em jogo: a indústria e o comércio emergente. Atualmente 70% dos brinquedinhos sexuais do mundo são produzidos na China.

Os *sex shops* e feiras sexuais atraem uma enormidade de chineses de todos os cantos do país, quer porque estão famintos de novidades para apimentar

suas relações íntimas, quer porque pretendem fundar uma franquia de produção desses produtos ou um comércio local.

Um ousado empresário, Lu Xiaoqing, construiu um parque temático “para melhorar a consciência sexual e a vida sexual das pessoas” chamado de “Love Land”. O empreendimento foi demolido pelas autoridades chinesas que achou demais tal liberalidade. Todavia, as feiras sexuais são um acontecimento absorvido pelo governo, e constitui uma atração para o grande público. Elas parecem uma bienal de livros, com pessoas de todo os cantos do país, que escolhem, testam, compram, ouvem palestras, trocam idéias etc. “Há mais *sex shop* na China hoje do que em Nova York”, observa Juanying, que reside em Nova York e na China. Numa feira sexual ou *sex shop*, as mulheres chinesas da nova geração se revelam desinibidas, talvez mais do que as norte-americanas e inglesas.

Os rapazes que migram do campo para os grandes centros urbanos ainda se sentem reprimidos sexualmente, por causa da discriminação dessas mulheres “avançadas”, que querem mais do que eles sabem e podem oferecer. Existe atualmente uma população de homens solitários, condenados a vida de solteiro ou a comprar sexo nas ruas, querem na prostituição que é tolerada pelo governo, ou comprando DVDs com pornografias, e brinquedinhos, bonecas infláveis etc. “Com este despertar sexual da [nova China], veio uma série de problemas, desde o aumento de doenças sexualmente transmitidas a um número crescente de abortos e de crimes sexuais” (WICKHAM, 2009).

No fundo, homens e mulheres da nova e da velha geração chinesa hoje estão tentando recuperar o tempo perdido da Revolução Cultural Chinesa. Os mais antigos e conservadores cobram do PC Chinês controle sobre a revolução sexual. Até mesmo alguns sexólogos aqui citados temem um aumento de DST, estupros, abortos de meninas, principalmente. Os mais liberais acham que o PC Chinês aposta na tolerância sexual, que funciona como um compensador da falta de liberdade política.

Em vez do livrinho vermelho de Mao Tsé-tung, surge o som de Muzi Mei, considerada a revolucionária do sex blog. Mei quebrou a barreira sexual do som, divulgando na internet o próprio gemido durante uma relação sexual gravada. Pode ter sido chocante e banal, mas o som do seu orgasmo bateu o record na internet. Afinal, o que é melhor para os ouvidos: um discurso reproduzido do livrinho vermelho ou de um orgasmo?

#### Referências

BENNETT, Jeremy. **Presidente Mao**: o último imperador. BBC-TV, s.d.

FREED, Josh; CERNETIG, M. **China's Sexual Revolution**. CBC Television. Quebec, Canadá, 2007. (retransmitido no Brasil pelo canal GNT, em 2008).

GABEIRA, Fernando. Era uma vez um guardinha vermelho. Folha de S. Paulo, 30/09/1999.

WICKHAM, Wayne. **A mais recente revolução cultural chinesa é sexual**. Publicado em: UOL, 24/05/2009.

\* **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (2005) e docente no Departamento de Fundamentos da Educação na Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).